

DÓRA BABARCZI

**A ACTUAÇÃO DO PADRE INÁCIO SZENTMÁRTONYI,  
ASTRÓNOMO HÚNGARO NAS DEMARCAÇÕES DOS  
LIMITES NA AMÉRICA DO SUL (1754-1756)**

Na historiografia húngara recorda-se o padre Inácio Szentmártonyi, membro da ordem da Companhia de Jesus, como excelente matemático e astrónomo, cuja actividade científica é ainda quase desconhecida devido à falta dos documentos relativos. É sabido que trabalhava no Brasil fazendo as observações astronómicas necessárias para as demarcações dos limites entre a Coroa portuguesa e espanhola nos meados do século XVIII. Acabada a sua missão retirou-se numa residência da Companhia perto do Pará, e depois da publicação do decreto sobre a expulsão dos jesuítas em 1759 foi expulso e deportado para Portugal, onde passou dezassete anos em prisão.

Neste artigo por meio dum documento do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa intentamos examinar o seu papel na expedição do governador de Grão-Pará e Maranhão, Francisco Mendonça Furtado, que teve como objectivo a exploração da região do rio Negro e a demarcação dos limites no Norte entre os domínios de Portugal e os de Espanha.

Em relação a sua personagem apresentam-se várias questões. Primeiramente o problema da sua origem: se ele foi húngaro ou croata? Nasceu de pai húngaro e de mãe croata em 1718 na Croácia, que naquela época fazia parte do Império Austríaco. Entrou no noviciado da Companhia de Jesus em Viena em 1735. Acabando os seus estudos ensinou matemática no colégio dos jesuítas em Graz.

Um outro problema importante é a verificação das circunstâncias da sua invitation a Portugal para se juntar às expedições da demarcação dos limites depois da ratificação do tratado de 1750. Na historiografia húngara, provávelmente seguindo o traço de Stöger<sup>1</sup>, aceitam a concepção que foi mesmo Dom João V, rei de Portugal, que pediu em 1749 a Francisco Retz, general da Companhia, para lhe mandar o padre matemático e outros especialistas das ciências naturais da ordem. A sua tarefa teria sido preparar cartas geográficas sobre as regiões então desconhecidas do Brasil.<sup>2</sup> Segundo esta concepção, o

---

<sup>1</sup> STÖGER redigiu o catálogo dos escritores jesuítas oriundos da Provincia Austríaca. Johann Nepomuk STÖGER, *Scriptores Provinciae Austriacae Societatis Jesu ab ejus origine ad nostra usque tempora*, Viena, Typis Congr. Mechit. G. Josephus Manz, 1856, 353.

<sup>2</sup> As obras mais relevantes desta questão são os seguintes: Tivadar ÁCS, *Magyarok Latin-Amerikában* [Húngaros na América do Sul], Budapeste, Officina, 1944.; Dénes

padre Szentmártonyi viajou para o Brasil no mesmo ano, em 1749. Durante dez anos ele levantava mapas diferentes dos cursos dos rios Amazonas, Xingu, Tapajós e Madeira.<sup>3</sup> Segundo a opinião de Dénes Balázs, geógrafo húngaro e historiador da geografia, o padre Szentmártonyi, junto com os seus colegas, navegou os rios Madeira, Araguaia e Tocantins até o rio Paraíba, consequentemente percorreu um território imenso desde a Rondônia actual até o estado Maranhão.<sup>4</sup>

István Rákóczi excede esta hipótese no seu artigo sobre o padre astrónomo, tendo como ponto de partida um artigo em croata de Mijo Korade. Neste ensaio, seguindo os resultados das suas pesquisas, o autor re-interpreta as actividades de Szentmártonyi no Brasil e divide-as em duas partes.<sup>5</sup> Segundo o autor entre a chegada ao Brasil em 1753 e a partida da expedição do governador Mendonça Furtado, o padre astrónomo já percorreu o curso do rio Amazonas fazendo observações astronómicas durante a sua viagem. Determinou, entre outros, as longitudes e latitudes da cidade Pará (hoje Belém), da missão dos Abacaxis (hoje cidade de Borba) e da embocadura do Amazonas. Do Outubro de 1754, Inácio Szentmártonyi fez parte da expedição das demarcações do rio Negro, cuja tarefa prioritária foi o levantamento topográfico da região de Noroeste do Brasil e do rio Amazonas. O primeiro resultado do trabalho dos astrónomos e engenheiros foi um mapa do rio Amazonas baseado nas observações do padre Szentmártonyi. Esta carta geográfica realizada até o Julho de 1755 prossegue a tradição cartográfica de La Condamine, fazendo o mapa mais exacto devido aos novos dados.<sup>6</sup>

---

BALÁZS (org.), *Magyar utazók lexikona* [Enciclopédia dos viajantes húngaros], Budapeste, Panoráma, 1993.; Lajos BOGLÁR, *XVIII. századi magyar utazók Dél-Amerikában* [Viajantes húngaros do século XVIII na América do Sul], In: *Ethnographia*, 1952 (XVIII., 3.-4.) 449-461.

<sup>3</sup> ÁCS, 1944, 14; BOGLÁR, 1952, 461.

<sup>4</sup> BALÁZS, 1993, 367. As suas informações provêm da obra de ÁCS, que por sua vez refere-se ao livro clássico de Varnhagen, a História Geral do Brasil.

<sup>5</sup> István RÁKÓCZI, *Kémek, vagy atyák? (magyarózó észrevételek Szentmártonyi Ignác S. I. tudományos jelentőségéhez)* [Espíões ou padres? (advertências explicativas à importância científica de Inácio Szentmártonyi S. I.)], <http://www.zanex.hu/mucsom.htm>. Infelizmente não pude consultar o ensaio de Mijo KORADE intitulado *Život i rad Ignacija Szentmártonyja S I (1718-1793)* publicado em 1983, encontrei só um parágrafo escrito pelo mesmo autor sobre o jesuíta astrónomo, veja Charles E. O'NEILL – Joaquín M.<sup>a</sup> DOMÍGUEZ, *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús*, Roma, IHSI, 2001, vol. 4, 3681.

<sup>6</sup> Convém notar que o catálogo dos jesuítas oriundos da Europa Central, que trabalharam nos domínios ultramarinos de Portugal, e nos da Espanha, menciona um outro documento escrito em latim intitulado *Sequentes notiates* como obra autógrafa do padre Szentmártonyi. O manuscrito encontra-se na colecção da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e têm importância sobretudo no ponto de vista etnográfico. Veja Johannes

Nas obras escritas em português sobre a história do Brasil da época pombalina quase nunca aparece o nome do insigne padre matemático. Uma das exceções é o livro de Ferreira Reis,<sup>7</sup> que nos faz conhecer a comissão das demarcações chegada a Pará provavelmente em Julho de 1753. A tropa da expedição foi dividida em três partes, tendo cada uma um chefe, que normalmente foi um oficial do exército, um astrónomo, alguns oficiais-engenheiros e, além disso, um desenhador e um cirurgião. O capitão Gregório Rebelo Guerreiro Camacho dirigiu a terceira tropa, e segundo o historiador, o astrónomo Inácio “*Izentmartony*”, jesuíta húngaro, e os ajudantes Filipe Sturm e Manuel Goetz, engenheiros alemães participaram nesta última.

Na obra clássica de Sousa Viterbo,<sup>8</sup> re-editada por Jorge Faro, sobre as expedições enviadas ao Brasil, menciona-se um astrónomo, P. Inácio Samartoni, que participou na expedição do governador Mendonça Furtado em 1754-1756 para o Rio Negro. O autor refere sómente um documento concernente ao nosso padre, que se encontra entre a correspondência do governador guardada na Biblioteca Nacional de Lisboa. Parece que o autor não sabia mais das observações feitas pelo padre durante esta expedição, nem dos outros dados biográficos dele.

Na monografia de Ângela Domingues sobre a exploração da imensa região da Amazônia o autor examina a questão das expedições do século XVIII através dos seus aspectos políticos e científico-culturais. Quando Domingues fala sobre o convite dos peritos estrangeiros da parte de D. João V e D. José I para fazer as observações astronómicas e por meio destas efetuar os mapas dos domínios ultramarinos, avalia este fenómeno como um sinal do cosmopolitismo da Coroa portuguesa.<sup>9</sup> Mas entre os nomes dos matemáticos e astrónomos, jesuítas ou leigos, devido evidentemente à falta de documentos, não se pode encontrar o nome do padre húngaro, súbdito da Imperatriz Austríaca. Na lista dos participantes da expedição do governador Mendonça Furtado aparece o nome de *Ignacio Samartoni* sem indicação da sua nacionalidade, formação ou título específico (sendo membro da Companhia de Jesus), sabe-se apenas a quantia do seu ordenado anual.<sup>10</sup>

A actuação do padre Szentmártonyi na vida política e científica dum país tão distante da sua terra começou cerca de 1750 com as negociações e a ratificação do tratado de limites em Madrid entre as Coroas ibéricas. Em

---

MEIER, *Jesuiten aus Zentraleuropa in Portugiesisch- und Spanisch-Amerika. Band 1: Brasilien (1618-1760)*, Münster, Aschendorff Verlag GmbbH, 2005, 338-340.

<sup>7</sup> Arthur Cezar Ferreira REIS, *História do Amazônia*, Manaus, 1931, 92-93.

<sup>8</sup> Sousa VITERBO, *Expedições Científico-Militares Enviadas ao Brasil*, 2 vols., s. l., Edições Panorama, 1962-1964, vol. 2, 82.

<sup>9</sup> Ângela DOMINGUES, *Viagens da exploração geográfica na Amazônia em finais do século XVIII*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1991, 22.

<sup>10</sup> DOMINGUES, 1991, 29.

Torre do Tombo, no arquivo nacional de Portugal, existe uma documentação sobre este assunto na forma da correspondência entre Tomás da Silva Teles, embaixador extraordinário em Madrid e o actual secretário de estado.<sup>11</sup> Das cartas revela-se a incerteza dos conhecimentos sobre esta região da parte dos diplomatas por causa de não existirem mapas exactos e as dificuldades em encontrar especialistas em geografia, matemática ou astronomia. Numa carta do embaixador de Junho de 1750 pode-se ler que “*El Rey nosso Senhor cuidava tanto nele [na execução do tratado] que tinha mandado buscar a Alemanha, e a outras muitas partes homens capazes para mandar a América, e que só do serviço da Imperatriz Rainha com beneplacito seu tirava dez engenheiros*”.<sup>12</sup> Não mencionando os nomes não se pode decidir se o padre Szentmártonyi esteve entre estes engenheiros. O secretário de estado de então, Marco António de Azevedo Coutinho, escreveu ao embaixador em Abril de 1750, que “*já não receamos tanto a penuria de Commissarios, ... e ... é provável, que dentro de dez meses esteja da nossa parte tudo prompto para expedirmos ao Rio de Janeiro, e ao Pará os navios ...*”.<sup>13</sup> Mas a carta de ofício do secretário de estado Sebastião José de Carvalho e Melo atesta que até ao Maio de 1752 ainda não foram mandados as instruções dos comissários para as demarcações no Norte do Brasil.<sup>14</sup>

Os engenheiros e matemáticos chegaram à cidade de Belém do Pará com a frota de Lisboa provavelmente no verão de 1753. O governador da capitania de Grão-Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado – ao quanto sabemos – só em 20 de Setembro de 1754 dirigiu a primeira instrução aos participantes da expedição para o Rio Negro<sup>15</sup>, na qual deu ordens aos astrónomos para fazer observações durante a viagem, descrever todos os rios com os seus nomes, e dar notícias sobre os habitantes, a flora e a fauna dos territórios adjacentes. Porém a tarefa mais importante ficou a determinação das longitudes e latitudes exactas das cidades e vilas já conhecidas ao longo do rio Amazonas para formar uma exacta carta geográfica da capitania mais tarde.

---

<sup>11</sup> Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo (mais adiante IANTT), Ministério dos Negócios Estrangeiros (mais adiante MNE), livros 828-831.

<sup>12</sup> IANTT, MNE, livro 829, fls. 56-57.

<sup>13</sup> IANTT, MNE, livro 828, fls. 96-96v.

<sup>14</sup> IANTT, MNE, livro 831, fls. 45-46v. „*Há muito tempo que se teria remetido a V. E. aprovado por Sua Majestade o Plano do Tratado das Instruções dos commissarios que devem demarcar a fronteira dos domínios da América pela parte de Norte, ... se o commissario principal de El Rey Nosso Senhor naquela parte não fosse o governador do Pará, o qual ... se recebeu com grande razão, que não pudessem achalo vivo as ordens que se lhe expedissem sobre esta materia.*”

<sup>15</sup> Marcos Carneiro de MENDONÇA, *A Amazónia na Era Pombalina. Correspondência inédita do Governador e Capitão-General do Estado do Grão Pará e Maranhão Francisco Xavier de Mendonça Furtado*, 3 vols., Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1963, vol. 2, 599.

Existe um documento desta expedição muito detalhado, escrito pelo secretário do governador. Do diário<sup>16</sup> da viagem destacam-se claramente os nomes das aldeias, fortalezas e rios aonde navegaram e pode-se seguir dia a dia os acontecimentos durante a viagem. Os participantes partiram no dia 2 de Outubro de 1754 da cidade Pará com 23 canoas grandes e aproximadamente com mil pessoas. Prosseguiram o caminho no rio Moju, depois no Igarapé-Mirim, no rio Tajapuru até a foz do rio das Amazonas. Saíram da fortaleza de Gurupá e navegavam ainda ao longo da Ilha Grande do Gurupá quando, concluindo os seus trabalhos em Macapá, o padre Szentmártonyi juntou-se à expedição no dia 25 de Outubro “*ao sítio chamado do Tapará*”.<sup>17</sup>

Antes de partir o governador mandou o padre definir a latitude de Macapá. Por motivos pessoais a intenção do governador foi o afastamento do padre dos outros membros da expedição, sobretudo do padre Alexio António, outro padre da Companhia, “*que é um dos maiores inimigos que aqui têm os interesses da coroa e o bem comum, e o mais perigoso*”, e “*tinha corrompido inteiramente ao alemão*”.<sup>18</sup> Segundo a opinião do governador, o padre António com persuasões revoltou o astrónomo contra ele: “*o primeiro foi o de se introduzir com o Pe. Inácio Samartoni, que na verdade tem uma simplicidade e bondade natural, e depois de o persuadir a quantos desatinos lhe pareceu que podiam concorrer para pôr em discordia comigo...*”. Na base da carta citada podemos sustentar a hipótese que o padre astrónomo tenha passado a maior parte do período entre a sua chegada no verão de 1753 e a partida da expedição em Outubro de 1754 no colégio da Companhia na cidade do Pará e numa fazenda da mesma Companhia: “[o padre Alexio António] *vendo que não bastavam as persuasões que lhe fazia no Colégio, o levou para uma fazenda de gado da ilha de Joanes, onde esteve com êle uma quantidade de tempo...*”.<sup>19</sup> Mesmo que tivesse feito algumas observações astronómicas durante a sua estada, actualmente conhecemos apenas seus detalhes mínimos.<sup>20</sup>

Seguindo o caminho a expedição percorreu uma curta etapa do rio Xingu, pernoitaram nas fortalezas dos Tapajós (hoje cidade de Santarém) e dos Pauxis (hoje Óbidos) e no dia 6 de Dezembro chegaram à foz do rio Negro. Em 28 de Dezembro de 1754 chegaram à aldeia de Mariuá, hoje Barcelos, lugar

---

<sup>16</sup> MENDONÇA, 1963, 615-631.

<sup>17</sup> MENDONÇA, 1963, 620-621.

<sup>18</sup> MENDONÇA, 1963, 717. Pode-se ler esta citação na carta do governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado, escrita na Arraial de Mariuá, em 7 de Julho de 1755. O “*alemão*” é o padre Szentmártonyi.

<sup>19</sup> MENDONÇA, 1963, 717.

<sup>20</sup> Alguns investigadores julgam que o mapa com a inscrição “*Mappa Viceprovinciae Societatis Jesu Maragnonii Anno MDCLIII concinnata*” da Biblioteca Pública de Évora (Gav. IV, No. 25) tenha sido feita na base das observações astronómicas de Szentmártonyi. Os novos dados pertencentes a este assunto vejam-se neste artigo em diante.

designado para as conferências dos comissários espanhóis e portugueses das demarcações. O resultado do trabalho dos engenheiros e astrónomos foi uma carta hidrográfica do rio Amazonas e do rio Negro até a aldeia de Mariuá. No catálogo de Isa Adonias<sup>21</sup> dos mapas do Brasil colonial há um mapa que, segundo o seu título, foi feito pelos engenheiros Schwebel, Sturm e Breuning<sup>22</sup> e é baseado nos levantamentos topográficos do padre astrónomo. Um outro fruto da actuação dos especialistas foi uma série de plantas tiradas nas cidades e vilas visitadas à margem do rio Amazonas e do rio Negro durante a viagem de 88 dias. Os desenhos foram feitos pelo ajudante Sturm e pelo capitão Schwebel, “*dando as latitudes e longitudes o Pe. Sanmartone*”, como podemos constatar numa carta do governador escrita já em Mariuá em 7 de Julho de 1755.<sup>23</sup>

As obras próprias das demarcações de limites começaram depois da nomeação das três tropas para irem às terras então desconhecidas para fazer mapas delas. O governador designou as pessoais das expedições nos meados do verão de 1755.<sup>24</sup> A primeira tropa recebeu o encargo mais importante: devia subir pelos rios Madeira e Guaporé até a capitania de Mato Grosso para levantar a carta geográfica desta região, onde ficam as minas dos metais preciosos e através da qual se pode estabelecer a conexão entre as partes diferentes do Brasil. O padre Szentmártonyi foi repartido neste grupo como astrónomo junto com os ajudantes Henrique Wilckens<sup>25</sup> e Filipe Sturm. Os comissários foram o coronel António Carlos Pereira de Sousa, um oficial da Marinha, o capitão Manuel José Henriques de Lima, e o ajudante Aniceto Francisco de Távora,

---

<sup>21</sup> Isa ADONIAS, *Mapas e planos manuscritos relativos ao Brasil Colonial Conservados no Ministério das Relações Exteriores*, 2 vols., Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, Serviço de Documentação, 1960. No primeiro tomo, pgs. 66-67 o autor descreve este mapa, cuja inscrição é „*Mappa Hidrografico dos rios Amazonas e Negro Levantado pelo Off.ºs Engenheiros, Sebastião José, João André Shwehel, Felipe Storm, Adam Leopoldo de Breunig, e ratificado pelas Observações Astronomicas do Padre Ignacio Semartoni*”.

<sup>22</sup> Na expedição quase todos os colegas do padre húngaro foram estrangeiros. João André Schwebel, alemão, foi engenheiro com o título do capitão de Infantaria. Os ajudantes Felipe Sturm e Adão Leopoldo de Breuning, alemães, também foram empregados como engenheiros e cartógrafos. Veja DOMINGUES, 1991, 28; VITERBO, 1962, 64; VITERBO, 1964, 111.

<sup>23</sup> MENDONÇA, 1963, 712-713.

<sup>24</sup> Veja MENDONÇA, 1963, 744-746. Mendonça Furtado na sua carta de 12 de Julho de 1755 já meditava sobre a repartição das tropas, mas a decisão ainda não parecia ser definitiva, nem a data exacta da partida. Aqui se pode consultar a lista dos nomes das participantes.

<sup>25</sup> Henrique João Wilckens, provavelmente de origem inglesa, foi ajudante de Infantaria com o cargo de engenheiro na expedição das demarcações. DOMINGUES, 1991, 28.

sendo o último já prático daquela zona das minas.<sup>26</sup> As outras tropas foram para os rios Javari, Juruá e Purús (com o doutor Brunelli<sup>27</sup> e capitão Schwebel) e para o rio Japurá (com o capitão Gronsfeld<sup>28</sup> com a tarefa de desenhar o mapa). Não conhecemos o fim destas expedições, nem a data da sua partida, nem as eventuais observações feitas pelo padre Szentmártonyi. O único dado certo sobre ele é que em Outubro de 1756 obteve a permissão do governador Mendonça Furtado para voltar para a cidade do Pará porque estava doente.<sup>29</sup>

Na colecção do Arquivo Histórico Ultramarino existe um documento<sup>30</sup> de grande interesse para saber mais sobre os resultados desta expedição. A carta de 14 de Julho de 1755 do governador Mendonça Furtado, na qual “*os padres matemáticos me deram conta das observações que até agora têm feito*” é já nota aos investigadores, mas geralmente omitem-se os três anexos da carta.

O primeiro anexo é um documento de importância primordial para os estudos húngaros porque com toda a probabilidade este é um manuscrito autógrafa do padre Szentmártonyi mesmo que o tenha escrito em português. No documento, que tem a forma duma carta dirigida ao governador não figura a data da composição, mas a assinatura é do “*Ignacio Semartoni, da Comp.<sup>a</sup> Jesus*”. A relação consta de quatro partes incluindo todos os dados necessários para determinar a exacta situação geográfica dos lugares visitados durante a sua permanência no Brasil. Na primeira parte dá as latitudes das cidades ao longo do rio Amazonas que foram visitadas na viagem da expedição do governador Mendonça Furtado até à aldeia de Mariuá. Os resultados das suas observações notando as distâncias dos lugares correlatadas com o equador são os seguintes (com a ortografia original):

---

<sup>26</sup> Convém notar que a lista dos participantes de Mendonça Furtado não coincide com a de Ferreira Reis mencionada acima.

<sup>27</sup> João Ângelo Brunelli, natural de Bolonha, foi doutor em estudos matemáticos e prestava os serviços reais no Brasil como astrónomo. DOMINGUES, 1991, 29; VITERBO, 1962, 66.

<sup>28</sup> O alemão Gaspar João Gerardo de Gronsfeld fez parte da expedição como engenheiro. DOMINGUES, 1991, 28.

<sup>29</sup> MENDONÇA, 1963, 983.

<sup>30</sup> Arquivo Histórico Ultramarino (mais adiante AHU), Documentos Avulsos da Capitania do Rio Negro. Cota: AHU\_ACL\_CU\_020, cx. 1, doc. 36.

|  | <i>Graos</i> | <i>Minutos</i> |              |
|--|--------------|----------------|--------------|
| <i>Para, cidade</i> <sup>31</sup>                            | 1            | 27             | <i>Sul</i>   |
| <i>Bahia do Limoeiro</i>                                     | 1            | 53             | <i>Sul</i>   |
| <i>Arucara, aldeia</i> <sup>32</sup>                         | 1            | 53             | <i>Sul</i>   |
| <i>Bahia do Vieira</i>                                       | 0            | 025            | <i>Sul</i>   |
| <i>St. Anna, aldeia nova</i> <sup>33</sup>                   | 0            | 02             | <i>Sul</i>   |
| <i>Macapa, villa</i>   | 0            | 3              | <i>Norte</i> |
| <i>Gurupa, villa e fortaleza</i>                             | 1            | 25             | <i>Sul</i>   |
| <i>Caviana, aldeia</i>                                       | 1            | 34             | <i>Sul</i>   |
| <i>Topajos, villa e fortaleza</i> <sup>34</sup>              | 2            | 24             | <i>Sul</i>   |
| <i>Burari, aldeia</i> <sup>35</sup>                          | 2            | 29             | <i>Sul</i>   |
| <i>Boca do rio Madeira</i>                                   | 3            | 20             | <i>Sul</i>   |
| <i>Abacachiz, aldeia</i> <sup>36</sup>                       | 3            | 46             | <i>Sul</i>   |
| <i>Fortaleza do Rio Negro</i> <sup>37</sup>                  | 3            | 9              | <i>Sul</i>   |
| <i>Pedreira, aldeia</i>                                      | 1            | 27             | <i>Sul</i>   |
| <i>Boca do Rio Branco</i>                                    | 1            | 24             | <i>Sul</i>   |
| <i>Cumarú, aldeia</i> <sup>38</sup>                          | 1            | 7              | <i>Sul</i>   |
| <i>Mariua, aldeia e lugar das Conferencias</i> <sup>39</sup> | 0            | 58             | <i>Sul</i>   |

Na mesma parte da sua relação o padre diz que fazia observações em outros lugares da margem do rio – aqui provavelmente fala do rio Amazonas – para fornecer informações para a realização duma carta geográfica, mas estes lugares não tendo nomes certos, não os menciona.

Para colocar correctamente uma povoação ou qualquer outro sítio num mapa é preciso saber as suas longitudes assim como as latitudes. No século XVIII existiam já métodos vários para observar e medir a latitude dum ponto geográfico. Com a observação dum fenómeno astronómico – por exemplo um eclipse da Lua – em diferentes sítios da Terra e conhecendo a diferença entre os seus tempos locais é possível determinar as longitudes ainda não conhecidas. Um outro método é observar a mudança das fases da Lua ou o aparecimento das luas do Júpiter. Este último foi elaborado por Galilei no século XVII e é baseado no facto que os satélites do planeta Júpiter parecem aparecer no mesmo

<sup>31</sup> Hoje cidade de Belém (estado do Pará).

<sup>32</sup> Hoje Portel (Pará).

<sup>33</sup> A cidade moderna de Pôrto Santana (Amapá).

<sup>34</sup> Hoje cidade de Santarém (Pará).

<sup>35</sup> Hoje Alter do Chão (Pará).

<sup>36</sup> Hoje cidade de Borba, ao longo do rio Madeira (Amazonas).

<sup>37</sup> Pode ser a cidade actual de Manaus (Amazonas).

<sup>38</sup> Hoje Poiares (Amazonas).

<sup>39</sup> A antiga aldeia de Mariuá actualmente tem o nome de Barcelos (Amazonas).



minuto para todos os observadores na Terra, deste modo é suficiente conhecer o tempo local do ponto da observação para determinar a sua longitude.<sup>40</sup> Com estes métodos o padre Szentmártonyi determinou em 12 de Outubro de 1753 a longitude da cidade do Pará com o resultado de 329 graus, escolhido como meridiano a Ilha de Ferro. Brunelli e Domingos Sambuceti<sup>41</sup> observaram um eclipse da Lua no dia 1º de Outubro de 1754 no Pará, o padre Szentmártonyi e Henrique Wilckens observaram o mesmo fenómeno no mesmo tempo na vila de Macapá. Depois acharam a diferença de longitude entre os dois lugares 2 graus e 24 minutos, “*ficando Macapa ao West do Para*”. O padre astrónomo utilizou o mesmo método para medir a diferença das longitudes entre Pará e Mariuá em 27 de Março de 1755, sendo o seu colega em Mariuá Domingos Sambuceti. O resultado foi 14 graus e 15 minutos.

A terceira parte da sua relação apresenta as suas observações sobre a declinação magnética da direcção geográfica do Norte nos lugares. O padre sabe bem que a posição do pólo magnético pode mudar-se temporalmente, por isso indica a data exacta da observação. A declinação da agulha de marear no Pará em 21 de Outubro de 1754 foi 4º 20', em Tapajós em 13 de Novembro de 1754 foi 5º 45', em Pauxis (hoje cidade de Óbidos) no dia 22 do mesmo mês foi 6º 00', em Abacaxis em 6 de Dezembro foi 7º 10' e em Mariuá em 16 de Janeiro de 1755 foi 7º 20'.

No quarto artigo da sua relação menciona as observações feitas com um termómetro inglês “*chamado de Fahrenheit*” e com o barómetro. Averiguou que a temperatura do ar deste clima ao princípio da tarde normalmente é 83-84 graus (28-29 graus centígrados). O barómetro que mede a pressão atmosférica estava geralmente na altura de 50 polegadas (125 centímetros aproximadamente) no Pará e estava a cerca de 29 polegadas (72-73 centímetros) em Mariuá. Os valores da pressão do ar podem-se usar em calcular a altitude dum certo lugar. O ajudante Henrique Wilckens assistia o padre Szentmártonyi em fazer estas observações.

O segundo anexo do documento acima mencionado<sup>42</sup> é uma relação escrita por João Brunelli sobre os eclipses diferentes da Lua observados no Brasil. O autor escreveu este manuscrito em latim, que parece ser autógrafo. A primeira observação sucedeu em 11 de Outubro de 1753 na cidade do Pará, os observadores foram Brunelli e Sambuceti. O segundo eclipse foi observado no

---

<sup>40</sup> Lajos STEGENA, *Térképtörténet* [História da cartografia], Budapeste, 1983, 71-73, 120-121.

<sup>41</sup> Domingos Sambuceti, natural de Genova, ajudante de Infantaria, serviu como engenheiro nas demarcações dos limites de 1754-56. DOMINGUES, 1991, 29; VITERBO, 1964, 82.

<sup>42</sup> A carta do governador Francisco Xavier Mendonça Furtado com a cota de AHU\_ACL\_CU\_020, cx. 1, doc. 36.

Pará por José Landi<sup>43</sup> em 6 de Abril de 1754. Doutor Brunelli anota que o padre Szentmártonyi observou o mesmo eclipse em Cabú. Usando os resultados puderam definir a distância temporal entre as duas cidades em um minuto e 8 segundos, ficando Cabú mais de leste. Landi observou um outro eclipse em 30 de Setembro de 1754 no Pará, quando o padre Szentmártonyi fez as observações do mesmo fenómeno em Macapá. Segundo esta observação a diferença entre o meridiano de Macapá e o de Pará calculada no equador é 2° 24', sendo Macapá mais de oeste. Domingos Sambuceti viu o terceiro eclipse da Lua em 27 de Março de 1755 no Pará. Em Mariuá o padre astrónomo viu só uma fase do mesmo eclipse, mas este dado único foi suficiente para determinar a distância das duas cidades referida ao equador em 14° 20' 15" (no tempo 57 minutos e 21 segundos). No fim do documento o autor afirma o resultado da observação de temperatura feita por Szentmártonyi em Mariuá.

O terceiro anexo de 5 linhas em latim é obra da mesma mão que o documento antecedente, e têm as assinaturas de “*Joannes Brunelli*” e “*Ignatius Semartoni*”, que pedem ao governador mandar um telescópio, dois quadrantes e um relógio de pêndulo de Lisboa. Estes são instrumentos necessários para fazer as observações astronómicas. A história deles e dos outros aparelhos da expedição merecia um estudo próprio, aqui faz-se notar apenas as várias dificuldades com as aquisições e com o seu transporte de Europa, os problemas apresentados no decorrer da expedição das demarcações e mais tarde em torno da restituição deles.

Quanto à actividade astronómica do padre Szentmártonyi à luz dos documentos referidos podemos dividi-la em duas partes. A primeira seria o período desde a sua chegada no Brasil provavelmente no verão de 1753 até a partida da expedição do governador Mendonça Furtado para a aldeia de Mariuá no Outubro de 1754. Deste período conhecemos apenas duas observações feitas pelo padre: em 12 de Outubro de 1753 no Pará e em Cabú em 6 de Abril de 1754, servindo os dados para determinar as longitudes das cidades.

Na segunda fase percorreu o rio Amazonas desde Macapá até o rio Negro, uma etapa do rio Madeira até a missão dos Abacaxis, e o rio Negro até Mariuá. Fez parte da expedição das demarcações, embora se associasse à tropa só em 25 de Outubro, porque o governador nos finais de Setembro o mandou medir a longitude do Macapá, onde fez as observações em 30 de Setembro e no 1º de Outubro. É interessante que ainda em Novembro chegou aos diferentes lugares ao longo do rio Amazonas com alguns dias de atraso em comparação com a chegada da tropa do governador. É possível que a execução das observações o retardassem na viagem. Quando a expedição do governador chegou à embocadura do rio Negro em 6 de Dezembro, o padre

---

<sup>43</sup> O bolonhês António José Landi ocupava-se com várias disciplinas, foi naturalista, arquitecto, matemático. Veja os outros detalhes da sua actividade em DOMINGUES, 1991, 29; VITERBO, 1964, 7-14.

Szentmártonyi estava na aldeia dos Abacaxis tomando os dados geográficos do lugar. Não se pode determinar na base destes documentos quando tenha chegado a Mariuá, apenas sabe-se que no 16 de Janeiro de 1755 determinou a longitude daquela aldeia. Da sua sucessiva actividade científica não existem mais informações, só sabemos que no 27 de Março de 1755 observou o mesmo eclipse da Lua em Mariuá que viu o ajudante Sambuceti no Pará.

A terceira etapa da sua actividade constaria da sua participação na expedição ao longo dos rios Madeira e Guaporé até à capitania de Mato Grosso. As suas observações realizadas durante esta viagem ainda são desconhecidas. Da carta referida do governador acima revela-se que no fim de Setembro de 1756 o padre já estava em Mariuá, e no 4 de Outubro voltou para a cidade do Pará por motivos da saúde. O padre astrónomo passou quatro anos na residência dos jesuítas de Ibyrajuba, de onde foi transportado junto com os outros membros da ordem para Portugal. Sendo estrangeiro, foi encarcerado no Azeitão e depois na fortaleza de São Julião da Barra.<sup>44</sup>

Com este documento autógrafa tratado acima esclarece-se mais a sua actuação no Brasil. Conhecendo alguns detalhes e os métodos das suas observações podemos tentar colocá-las na vida científica daquela época, seja nacional ou internacional, e avaliá-las do ponto de vista das ciências naturais.

---

<sup>44</sup> Depois da sua libertação em 1777 voltou para a sua terra, onde morreu em 1793. O'NEILL – DOMÍNGUEZ, 2001, 3681.